

A Leitura no Movimento da Produção de Sentido

Maria Nazareth Soares Fonseca

(UFMG)

Parto de uma reflexão de Roland Barthes sobre a leitura e sobre as normas que traduzem a “simpatia” do leitor pelo texto. Ao construir perguntas como “**O que é ler?**”, “**Como ler?**”, “**Por que ler?**”, Barthes proclama o desamparo que se instala em torno das possibilidades de respostas às perguntas e conclui seu raciocínio afirmando: “*a leitura, ainda não encontrou o seu Propp ou o seu Saussure*”.¹ Por outro lado, ao ressaltar as dificuldades com que se defrontam os estudos sobre a leitura, Barthes acentua a impropriedade de se estabelecerem normas e preceitos rígidos que pretendem unificar os objetos a serem lidos ou demarcar níveis e estágios *a priori* e estabelecer condições que precisam ser respeitadas pelos leitores. Em se tratando da leitura de textos verbais, diz o teórico francês, após a ultrapassagem de um primeiro nível, que se constituiria da descodificação de fonemas e de palavras, “*não é possível saber para onde conduzirá a profundidade e a dispersão da leitura*”.² Vencido esse estágio inaugural, o saber-ler bem depressa se torna, como ele mesmo diz, sem fundo, sem regras sem graus e sem termo. Neste abismo de incertezas e de dispersão, instala-se o paradoxo: o se que poderia afirmar como “**pertinência**” da leitura revela-se como “**impertinência**”, isto é, como algo que vem “atrapalhar” a análise dos objetos lidos e desconstruir os pretendidos níveis de leitura. Reafirmando as afirmações do autor, é possível dizer que cada leitor constrói seus mecanismos de leitura, suas formas de empatia com o texto, os quais, ainda que possam ser mensurados e explicados, não configuram, no entanto, um “modelo” a ser seguido por todos. Às leis que procuram regulamentar a leitura e unificá-la através de normas e de condutas opõe-se o desejo de ler, o qual, ainda que possa ser contaminado por determinações de moda e de uso, revela-se como a opção do leitor. No âmbito dessa opção pode ser entendida a concepção barthesiana de “leitura desejante”, que caminha de encontro à sua noção de

¹ BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laraeira. São Paulo: Brasiliense, 1988. p. 44.

² BARTHES, Roland. Op. cit. p. 45.

escrita pensada como a ciência das fruições da linguagem que se realizam através do jogo e de ambivalências, do prazer de certas rupturas.

No processo da leitura de textos literários em que o prazer parece ser instigado de forma mais perceptível, os traços de uma teoria da leitura se mostram, no entanto, mais hesitantes. Neste espaço, a leitura se revela mais claramente como uma atividade de ligação, operação que, fundada na materialidade do texto, extravasa dela e busca produzir sentidos pela apreensão e absorção do para-além da página, no desarranjo do texto que se lê.

É pertinente retomar o pensamento de Barthes e perceber que o escritor, ao riscar o traço da leitura no corpo do leitor, pretende alcançar as imagens da transformação nele produzidas pela fascinação, pela volúpia, pelas emoções que habitam esse corpo e que se expõem no ato da leitura. A inquietação produzida, a ansiedade que induz ao levantar os olhos da página ou a fechá-los para melhor fruir o que se lê, registra a fusão do leitor com o texto, percebendo-a enquanto metáfora da confusão de corpos na cena deleitosa do prazer carnal. Ao buscar no corpo do leitor, do lente, os sintomas que afloram em decorrência do desejo que a leitura excita, Barthes percebe-a como um processo de sobre-codificação, como um amontoamento de linguagens, como uma profusão de sentidos gerados pelos significantes do texto.

O antropólogo Michel de Certeau dialoga, de alguma forma, com as divagações de Barthes, quando define a leitura como uma espécie de itinerário do desejo exacerbado pela procura do *Outro*, de “uma outra coisa”, de um destinatário faltoso, de um objeto desconhecido.³ Ao perceber a leitura como uma *foi-í*ia de “escrita” que alcança “um outro querer dizer”, De Certeau insiste na metáfora do ato de ler como um ato de devoração que se mostra *descontrolável* do leitor de “comer” o livro, tomando-o como substituto do alimento. Para Michel de Certeau a leitura, ao ser construída, também, pelas manifestações do/no corpo do leitor, não pode ser explicada como sendo somente um ato mental. Neste movimento que se expõe pelo olhar, mas que passa por todo o corpo, os olhos “engolem” as palavras e o corpo produz sentidos que extrapolam pela fixação do olhar nas páginas do livro.

³ CERTEAU, Michel. La lecture absolue. In: DALLENBACH, Lucien et RICARDOU, Jean. *Problèmes actuels de la lecture*. Paris: Éditions Clancier-Guénaud, 1982. p.65-90.

É interessante ressaltar que Michel de Certeau elabora suas considerações, apoiando-se na prática de leitura dos místicos cristãos dos séculos XVI e XVII. Tentando recuperar os efeitos produzidos pela leitura dos livros sagrados, através das manifestações corporais, o historiador pretende explicar aspectos sintomáticos da relação do leitor com o texto. Ao colocar a questão “*o que é que o leitor ‘fabrica’ com este objeto tatuado de grafemas*”, De Certeau procura captar as variações produzidas por uma ação que, pouco a pouco, esculpe no bloco de mármore – metáfora com que ele designa o texto – formas de leitura e, deste modo, resalta os sinais que se manifestam no leitor, impulsionados pelo desejo de transformar o texto e de se deixar seduzir por ele.⁴

Pode-se perceber que tanto Barthes como De Certeau procuram ressaltar no processo da leitura o prazer que transfigura o leitor e apreender este ato como produtor das linguagens de um corpo alterado, transformado e transtornado. Uma configuração do ato de ler enquanto fuga ao controle do texto e das leis que o legitimam e a percepção do livro como “um jardim de delícias”, em De Certeau, encontram o conceito de leitura desejan-te de Barthes e ambos configuram a leitura como o espaço de encontro, de compartilhamento de vozes que encenam, no texto, a voz do emissor e daquelas que, nele, representam e conclamam o destinatário. De Certeau, particularmente, quer afirmar, na leitura, a produção de manifestações e de sentidos que extravasam as determinantes que o texto quer controlar. A emoção, as lágrimas, o peito apertado, a alegria que escorre pelos lábios e pela boca, são, para ele, traços de linguagens produtoras de sentidos que exorbitam as formas de controle acionadas pelo texto, ainda que o leitor deseje ser invadido por ele, como no caso dos textos sagrados “devorados” obsessivamente pelos leitores místicos. O historiador, tendo as confissões que Teresa de Ávila faz de si enquanto leitora, afirma que a ficção permite vãos livres aos amantes de Deus e o corpo do leitor, tornado linguagem, **corps parlant**, quebra o silêncio imposto pela realidade do claustro e pelo peso do hábito e deixa que se ouçam as vozes que perambulam pelos espaços assépticos e silenciosos da religião. Em Barthes e em De Certeau a leitura mostra-se, assim, como “*O lugar onde a estrutura se descontrola*”, ainda que formas de controle do corpo e dos espaços em que se situam os leitores configurem os recalques de que fala Barthes, vistos como

⁴ DE CERTEAU, Michel. Op. cit. p. 68.

travamento da livre manifestação do desejo.⁵ Ao perverter a estrutura da língua, ainda que precise dela para se construir, a leitura configura o movimento que expõe a ordem para subvertê-la.

Afirmção e negação compõem o jogo privilegiado pela leitura na construção dos movimentos que oscilam entre a interpretação “pontual, limitada, discreta” e a compreensão que junta os sentidos isolados e “consolida-os numa estrutura, num todo”, construindo a ilusão de que uma nova leitura não se afastaria muito da já feita. Ao mesmo tempo aponta para as diversidades de todas as leituras.

Retomo a indagação de De Certeau sobre o que o leitor “fabrica” com o texto que lê e, ampliando os limites da leitura corporal pretendida por ele e por Barthes, penso ser possível estabelecer alguns pontos com o intuito de clarear algumas questões que se esboçam a partir da reflexão dos dois autores.

Um primeiro seria o de afirmar, como faz Michel Picard, que o funcionamento formal, textual, é inseparável dos jogos sobre o imaginário e o simbólico.⁶ Isto quer dizer que a produção de leitura, ao subverter o texto, contacta, também, seus sinalizadores de leitura e fica, de certa maneira, submissa a eles, mesmo quando tem a firme decisão de os contestar. Sem significante, diz o crítico, torna-se impossível produzirem-se significados; sem o dito, o não-dito não se afirma. Picard, leitor de Barthes, percebe o texto como espaço de confluências significativas no qual dialogam instâncias diversas: o contexto, o intertexto, o para-texto os quais regulamentam, às vezes com rigor, as condições de leitura, ainda que o leitor, desavisado, não se dê conta disto. O crítico, ao tratar da leitura do texto literário, salienta nela os pólos do processo – o texto e o leitor – sem os quais a literatura não poderia existir. Assim, também, procedem Barthes e Michel de Certeau, quando, ao refletirem sobre a leitura, recuperam os movimentos que oscilam entre a prisão do leitor ao texto (a leitura como abstinência, como Barthes) e o deslizamento que permite a esse leitor alcançar outras instâncias significativas e construir os percursos da fruição, da transgressão. A metáfora do rosto preso aos olhos do amante, em Barthes, ou a do afastamento do livro para senti-lo enquanto alimento, em De Certeau, pretendem imprimir na leitura outros significantes que

⁵ BARTHES, Roland. Op. cit. p. 45.

⁶ PICARD, Michel. Pour la lecture littéraire. *Poétique*, Paris, n. 26, p. 42-50, 1977.

explicitam as diversas linguagens produzidas pelo isolamento e pela volúpia e que misturam as emoções do corpo com as palavras.

Um outro ponto seria o de considerar, complementando as questões aqui sucintamente tratadas, que a aproximação entre o leitor e o texto não se condiciona apenas pelo desejo do sujeito-leitor de aproximar-se do texto, de “devorá-lo”, no sentido que Barthes e De Certeau deram ao termo. O leitor, é pertinente ressaltar, não chega ao texto imune das marcas que lhe imprimem o histórico, o social, o ideológico, sendo, portanto, influenciado pelas forças advindas desses espaços. Deste modo, as crises de leitura dos místicos de que fala De Certeau, podem ser entendidas também como sintomas manifestos da “doença social e ideológica” que se procura curar com os textos sagrados, tomados como remédio. O ato de leitura transforma-se, assim, num *lugar* de conflitos porque, nele, insurgem vozes que insistem tanto na Reconstrução” como na “demolição” de modelos que se reproduzem e se perdem na instância do texto, em movimentos contínuos de atração e de repulsa, de circulação de ditos e de não-ditos. Em decorrência desses movimentos, é possível afirmar que a leitura, ainda que se efetive como um ato solitário, constrói um espaço de confluências, um lugar de interação. Basta considerar que o isolamento é o espaço propício às manifestações das fantasias, dos devaneios, mas também da reflexão. Ainda que significativo de um espaço de exclusão e de silêncio, a leitura recupera e traduz a situação social e histórica em que se dá o ato de ler. É o que, como se viu, procura salientar De Certeau quando “lê” as formas de interação dos leitores místicos com os livros considerados objetos sagrados, portadores das maravilhas e dos mistérios do Criador.⁷ Em outro momento, ao analisar a leitura de textos de confissão de acusados de possessão diabólica, no século XVI, De Certeau alude também à questão aberta pelo retomo do *outro* no discurso que o proíbe, ressaltando a ambivalência dos procedimentos repressivos, inscritos no texto, que tanto podem controlar o leitor como ser demolidos por um tipo de leitura que não se deixa seduzir pelas artimanhas do texto.⁸ É bem certo que o historiador descreve os modos de leitura realizados em tempos diferentes, mas isto não desautoriza a sua reflexão.

⁷ De Certeau. Op. cit. p. 70.

⁸ DE CERTEAU, Michel. A linguagem alterada - A palavra da possuída. In: *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1974. p. 243-253.

Deste modo, enquanto ligação do que está no texto com algo que se coloca fora dele, a leitura constrói-se como uma rede de sentidos. Tal rede, tecida com os fios fornecidos pelo texto, estende-se a outros espaços para onde remetem, num processo de contínuo deslizamento, os significantes textuais, apreendidos pelo leitor, transformados por ele, num movimento constante de produção de sentido.